

# O elemento noticioso e a intertextualidade nos textos cronísticos da Coluna Crônicas Outras Histórias, do Jornal *O Popular*\*

Rogério Pereira Borges<sup>1</sup>

## RESUMO

A coluna Crônicas & Outras Histórias, do jornal *O Popular*, de Goiânia, foi, durante décadas, uma das mais lidas da principal publicação noticiosa do Estado de Goiás. Apesar de não ser visto como um *locus* necessariamente jornalístico, este espaço abriga textos de diferentes naturezas discursivas, enunciados por autores de variados perfis e que escrevem com propósitos distintos. O presente artigo dedica-se a investigar essas intersecções, buscando identificar como as temáticas jornalísticas invadem as crônicas sem que estas percam seus contornos literários, promovendo, isto sim, hibridizações e diálogos interessantes e surpreendentes. Para tanto, o escopo da pesquisa centrou-se no ano de 2013, conturbado e pródigo de notícias.

Palavras-Chave: Crônica. Discurso. Jornalismo. Gêneros jornalísticos.

*THE NOTICIOUS ELEMENT AND THE INTERTEXTUALITY IN CHRONOLOGICAL TEXTS OF THE CHRONICLES COLUMN & OTHER STORIES, THE POPULAR NEWSPAPER*

## Abstract

The column *Crônicas & Outras Histórias*, of the newspaper *O Popular*, Goiânia, was for decades one of the most read in the main news publication of the State of Goiás. Although not seen as a necessarily journalistic locus, this space houses texts of different discursive natures, written by authors of different profiles and who write for different purposes. The present article is dedicated to investigate these intersections, trying to identify how the journalistic themes invade the chronicles, without losing their literary contours, promoting interesting and surprising hybridizations and dialogues. To do so, the scope of the research centered on the year 2013, troubled and lavish news.

**Keywords:** *Chronic. Discourse. Journalis. Journalistic Genres.*

**Autor Correspondente:** rogeriopereiraborges@yahoo.com

**Recebido:** 29.12.2018. **Aceito:** 31.12.2018.

## Introdução

Os discursos construídos e disseminados pelos meios de comunicação, em suas mais diferentes plataformas, parecem estabelecidos de tal maneira que qualquer imagem diferente daquela a qual nos acostumamos a associá-los soa como pouco palpável, carente de bases sólidas ou incorrendo em eventuais erros de interpretação de um ou outro. Divórcios forçados, estereótipos arraigados, ausência de compreensões mais profundas e a defesa de visões excessivamente rígidas costumam ser obstáculos relevantes para investigações que se dediquem a entender como discursos de diferentes naturezas e propósitos podem não só dialogar, como também construir, em conjunto, alternativas narrativas mais ousadas. É fundamental, diante de tal quadro, que se jogue uma luz que rompa com imagens empobrecedoras e restritivas sobre diversos discursos da imprensa – que estão no âmbito do que se pode considerar como “[...] discurso com vontade de verdade” (MORAES, 2013). O presente artigo é fruto de um esforço nesse sentido, tendo como objeto de análise a crônica, modalidade discursiva que consta tanto em reflexões no escopo do jornalismo (MELO, 2003; BORGES, 2012; SODRÉ; FERRARI, 1986) quanto no da literatura (COUTINHO, 1986; MOISÉS, 2007; CANDIDO, 1997).

Seu hibridismo discursivo é não um obstáculo e sim uma valiosa oportunidade para desmitificar algumas questões a respeito do discurso noticioso e opinativo na imprensa, retirando o debate de zonas de conforto que delimitam visões que poderiam ser mais amplas sobre produções jornalísticas contemporâneas. Grandes reportagens em plataformas variadas e simultâneas, a exploração de novas linguagens, a consolidação de formatos até então excêntricos – como livros-reportagens que mais parecem romances e documentários jornalísticos com estética de cinema de arte, são bons exemplos desses movimentos, que se reputam incontornáveis e irreversíveis. Trata-se, ainda, de um movimento de análise que pro-



porciona um mergulho mais aprofundado no caráter essencial de discursos canônicos, tantas vezes contaminados por preceitos pré-estabelecidos e que, não raro, pecam pela superficialidade.

O presente artigo revela os resultados de uma pesquisa em torno da crônica empreendida no âmbito do Núcleo de Pesquisa em Comunicação (NPC), da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás), realizada entre janeiro de 2014 e julho de 2015. O trabalho contou com a participação de duas bolsistas do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) (colaboradoras do texto agora apresentado), que contribuíram ativamente no levantamento e análise dos dados coletados e suas posteriores conclusões. A pesquisa compreendeu um olhar analítico sobre as 365 crônicas publicadas no jornal *O Popular*, de Goiânia (GO), durante o ano de 2013. Ainda que a presente publicação possa parecer um pouco extemporânea quando considerado o período em que foi realizada, acredita-se que se trata de um registro pertinente para estudos da área, que ajudam a construir um arcabouço teórico e prático nas discussões dos temas postos aqui em análise. E, quanto a isso, não há envelhecimento e sim a montagem de uma linha arqueológica que permite lançar olhares mais seguros sobre esta história da arte acerca dos debates.

A questão que moveu esse esforço foi entender como esse discurso desafiador, que mescla elementos de jornalismo e literatura, pôde contribuir na informação e na interpretação de fatos relevantes que ocorreram naquele ano por intermédio das páginas do referido veículo de comunicação. A escolha do período se deve ao fato de que o ano de 2013 foi excepcionalmente pródigo em eventos e acontecimentos que mobilizaram milhões de pessoas no Brasil (em particular) e no mundo (em geral), constituindo um conjunto de fenômenos com relevante grau de raridade. Mesmo o período de tempo transcorrido já ser considerável, é igualmente inegável que os episódios daquele ano turbulento ainda reverberam hoje, de-

terminando ascensões e quedas políticas e novas posturas da sociedade diante de diversos temas, inclusive no âmbito comportamental.

Apenas para citar os mais expressivos, foi em 2013 que aconteceram os grandes protestos em todo o Brasil que levaram multidões às ruas para expor seu descontentamento diante de governos e escândalos de corrupção, constituindo as maiores manifestações populares brasileiras dos últimos 20 anos. Houve ainda a visita do Papa Francisco ao País durante a Jornada Mundial da Juventude, evento que atraiu a atenção do noticiário de todo o mundo. A Copa das Confederações, realizada nos nossos gramados e que se mostrou um teste para a Copa do Mundo de Futebol que ocorreria um ano depois, também merece menção entre esses fatos de monta. Há ainda um número expressivo de outros acontecimentos políticos, sociais, policiais e comportamentais que demandaram cobertura intensa dos veículos de comunicação, em dimensões regional, nacional e global. Todos eles mantêm sua atualidade, dados os desdobramentos que geraram. Nessa perspectiva, o ano de 2013 mostrou-se profícuo para o entendimento de determinadas ‘cenas de enunciação’ (MAINGUENEAU, 2008) acerca de fatos e acontecimentos de relevância, o que possibilita um estudo mais rico sobre se e como as crônicas refletiram essa realidade tão rica e efervescente.

O segundo recorte da pesquisa remete a uma lacuna existente nos estudos sobre o jornalismo e seus diversos discursos em Goiás. Para contribuir no resgate desta dívida, optou-se por tentar encontrar as respostas pretendidas em um âmbito mais regional. Para tanto, elegeu-se o jornal de maior circulação em Goiás – o diário *O Popular*, que, na época da investigação, era líder em seu segmento, com tiragens que alcançam até 40 mil exemplares em determinados dias da semana, sendo ainda o mais tradicional veículo de comunicação do Estado, com quase 80 anos de existência. Como tudo no meio jornalístico, esses dados são di-

nâmicos e cinco anos depois há mudanças a serem mencionadas. O jornal passa agora por um processo mais intenso de migração para o ambiente digital, tendo diminuído seu formato impresso – do tradicional *standard* para o chamado *berliner* ou tabloide alemão, o que diminuiu sua tiragem em vendas avulsas e assinaturas físicas – hoje em torno de 20 mil exemplares diários, mas aumentou sua presença nas redes sociais. O jornal, porém, permanece sendo uma referência regional de informações, com um capital simbólico importante ligado à marca, que acaba de comemorar 85 anos de existência. Além de sua força simbólica junto a um amplo público – ressalte-se que os textos também ganham publicação no site do jornal, que conta com mais de 10 milhões de acessos mensais –, *O Popular* também era o único veículo de informação goiano que, à época da pesquisa, mantinha um espaço fixo e diário para a crônica. A coluna Crônicas & Outras Histórias, publicada no caderno de cultura Magazine, é uma das marcas do informativo, já tendo reunido, em seu rol de colaboradores, alguns dos nomes mais proeminentes da cultura goiana.

No total, 13 autores se revezavam na ocupação do espaço da coluna Crônicas & Outras Histórias, sem dias pré-determinados, mas mantendo certa regularidade na periodicidade de suas publicações – havendo dois grupos, sendo que um publica com mais assiduidade que o outro. O corpus da pesquisa, assim, mostra-se adequado para a compreensão aqui buscada, sobretudo quando se pensa em uma análise mais regionalizada do papel da crônica como discurso de informação e interpretação da realidade circundante, entendendo os possíveis caminhos discursivos que o gênero toma para dialogar com o leitor. Como produção discursiva entremeada tanto pelo jornalismo quanto pela literatura – seus dois ‘discursos constituintes’ (MAINGUENEAU, 2008) –, a crônica ora pende para um lado, ora para o outro.

Essa, diga-se, fluidez discursiva é uma de suas características, que lhe empresta liberdade temática e de esti-



lo, escapando de padrões e fórmulas. O esforço aqui foi o de estabelecer alguns parâmetros e analisar os movimentos realizados pela crônica quando esta se apoia mais fortemente no noticiário do momento para se expressar; quando ela passa a ser, de maneira mais nítida e inequívoca, um discurso jornalístico. A partir da catalogação de todas as crônicas publicada em *O Popular* no ano de 2013, adotou-se, em primeiro lugar, as técnicas da Análise de Conteúdo para separar um conjunto de textos que tinham os fatos daquele período como tema central, podendo ser comentários sobre acontecimentos específicos ou a emissão de opiniões acerca de conjunturas mais amplas. Em seguida, por meio de conceitos pertencentes à escola francesa da Análise do Discurso (AD), disseçou-se esses textos para compreender suas engrenagens internas, seus desvios e mecanismos específicos que permitiram que uma enunciação mais 'literalizada' pudesse ser, também, referência jornalística sobre a realidade. Lembrando que a AD, sobretudo a de viés francês, tem grande penetração nos estudos literários, o que se adapta bem a objetos que dialogam ou se inserem neste campo, como a crônica.

A pesquisa, portanto, analisou as crônicas selecionadas – aquelas que apresentavam maior vínculo com conteúdos noticiosos – a partir de conceitos como formação discursiva, paratopia, polissemia, paráfrase, ideologia, arquivo, cenário e autoria. Esses conceitos abriram caminho para que se pudesse vislumbrar e trabalhar com categorias de análise – como política, cidadania e diversos outros temas sociais – para averiguar em que medida a crônica se insere no que se pode definir como um texto jornalístico, ainda que este não respeite todas as regras do discurso informativo ou interpretativo tradicional. Essa metodologia, que une Análise de Conteúdo e Análise do Discurso, tem sido utilizada em pesquisas na área da Comunicação por fornecer maior completude nos resultados, uma vez que uma técnica complementa a outra na compreensão dos textos estudados. “A necessidade de integração dos campos quantitativo e

qualitativo decorre do reconhecimento de que os textos são polissêmicos – abertos a múltiplas interpretações por diferentes públicos – e não podem ser compreendidos fora de seu contexto” (HERSCOVITZ, 2008 *apud* LAGO; BENETTI, 2008, p. 126).

O presente artigo condensa os resultados principais da pesquisa, sendo que outras produções científicas foram elaboradas a partir das respostas encontradas no decorrer do processo de investigação do discurso da crônica. A seguir constam os dados e as reflexões que permitem afirmar que, durante o ano de 2013, a sessão Crônicas & Outras Histórias do jornal *O Popular*, de Goiás, contribuiu, em grau relevante, com a apreensão e interpretação dos fatos que compuseram o panorama noticioso do período.

### A crônica

No decorrer da história a crônica mudou suas feições e propósitos como discurso. Em diferentes épocas, estiveram associadas a relatos de viagem, a descrições históricas, a perfis de grandes vultos políticos ou militares. Com o amadurecimento e o desenvolvimento do jornalismo, ela, em grande parte, migrou dos livros e registros em documentos oficiais para os veículos de informação. Na época em que jornalismo e literatura mal se diferenciavam, com escritores ocupando as páginas de jornal e sem que o formato noticioso dominasse os veículos informativos (SCHUDSON, 2010), muitos autores tinham, na crônica, um modelo possível na imprensa para comentar e influenciar a realidade ao seu redor sem abdicar do campo das letras, preservando estéticas próprias na redação de seus textos e no encadeamento de suas argumentações. Poder-se-ia até dizer que a crônica é uma espécie de elemento resistente de um processo de transição entre o literário e o noticioso em nossa imprensa, que foi traumático em muitos sentidos e que buscou espaços de escape e oxigenação.

A partir de meados do século XIX os modelos da imprensa passaram por mudanças definitivas. Em diferentes momentos os países ocidentais viram

seus jornais serem transformados em empresas, com outras prioridades que não apenas a divulgação e a reverberação da opinião de indivíduos notórios da sociedade. As querelas literárias e políticas cederam espaço à cobertura mais ampla e atualizada da realidade e sua incessante produção de acontecimentos. Muitos dos gêneros literários que prosperavam na imprensa desapareceram ou perderam importância. Algo distinto ocorreu, porém, com a crônica. Acompanhando o que acontecia com as publicações jornalísticas, ela também se moldou aos novos tempos, conseguindo estabelecer-se em outros contextos. Fazendo uma ousadia descritiva, pode-se até pontuar que a crônica é um tipo muito específico e dilatado de um discurso que permanece literário, mas atendendo a demandas noticiosas e de análise dos fatos; que se insere no jornalístico, mas observando sua origem e seus métodos literários de construção.

Preservando seu caráter híbrido entre literatura e jornalismo, a crônica passou a ser um discurso que poderia ser observado, por exemplo, em colunas políticas e policiais. Os bastidores do poder ou a narrativa de tragédias encontraram, na crônica, durante longo tempo, instrumento perfeito para dramatizar ou criar suspense em torno dos fatos. Essa modalidade, aos poucos, também foi diminuída em favor da objetividade da notícia, bastião em que o jornalismo se amparou por diversos motivos (TUCHMAN, 1999; ALSINA, 2009). Isso, contudo, não foi suficiente para suprimir a crônica do jornalismo.

Ocupando uma lacuna dos produtos jornalísticos mais contemporâneos, a crônica se estabeleceu como um respiradouro em meio ao noticiário pesado – e, na maioria das vezes, de conotação negativa, com todos os seus escândalos, episódios trágicos, descrição de injustiças, denúncias de crimes e apreciação de carências da população. A crônica passou a ser aquele ponto em que um olhar específico, peculiar sobre a sociedade e os fatos é lançado a partir da escrita diferenciada vinda de alguém talentoso para produzi-la. Não raro, esse autor também transita



pelo campo da ficção, emprestando ao texto que publica outros contornos que, no ritmo industrial dos veículos de comunicação, são relegados a um segundo plano. O trabalho com a linguagem, o olhar surpreendente, abordagens menos óbvias dos temas contemplados, a criatividade e a liberdade na construção do discurso dão, à crônica, aspecto único.

Um híbrido, mas com bases sólidas, que mais desafia que estabelecem parâmetros rígidos e imutáveis. Isso se deve, especialmente, ao fato de ela ser um interdiscurso, podendo se associar tanto à realidade quanto à ficção, contemplando o verificável e o imaginado, o que foi e o que poderia ter sido.

*A crônica jornalística atual é produzida em um cenário de trocas simbólicas e intercâmbio enunciativo e de linguagem textual entre polos discursivos poderosos. A relação entre literatura e jornalismo apresenta similitudes inegáveis, mesmo que assinalem objetivos dissonantes. Os laços que unem os dois discursos, assim como as diferenças que os separam, estão em constante debate por meio de autores que tentam estabelecer limites, definir territórios, entender as articulações que se dão no interior dessa proximidade* (BORGES, 2012, p. 799).

A crônica é um discurso de dupla identidade, mas não dúvida, uma vez que, dentro de seu contrato de leitura (VERÓN, 2004; ALSINA, 2009), ela não deixa dúvidas sobre qual é seu perfil, o que pretende causar, não esconde as ferramentas criativas de que faz uso para se constituir. Se, como lembra Coutinho (1986, p. 120), “[...] o significado tradicional da palavra ‘crônica’ decorre de sua etimologia grega (khronos – tempo): é o relato dos acontecimentos em ordem cronológica”, essa definição transmutou bastante desde sua origem.

*Todavia, a partir de certa época, a palavra foi ganhando roupagem semântica diferente. ‘Crônica’ e ‘cronista’ passaram a ser usados com o sentido atualmente generalizado em literatura: é um gênero específico, estritamente ligado ao jornalismo. [...] O uso da palavra para*

*indicar relato e comentário dos fatos em pequena seção de jornais acabou por entender-se à definição da própria seção e do tipo de literatura que nela se produzia* (COUTINHO, 1986, p. 121).

A questão essencial que se impõe quanto à crônica é sua constituição híbrida. Essa característica é definidora em sua compreensão. Não é, portanto, inusitado que a crônica surja como um elemento noticioso em determinados momentos ou em circunstâncias particulares. Afinal, o elemento jornalístico está em sua essência, ainda que explorado em condições e com estatutos mais heterodoxos. O importante, por essa razão, é compreender não se isso pode ou não acontecer e sim como se dá quando os critérios jornalísticos invadem a crônica ou quando esse discurso retoma sua capacidade de interpretar os fatos e opinar sobre eles.

Nessa procura, os conceitos da AD são interessantes no que podem oferecer para a solução dos desafios que se colocam.

*Ao investigar discursos tão ricos e cheios de alternativas, faz-se necessário entender que tais construções possuem inúmeras articulações, com variados sistemas e ordens. É nesse caldo multidiscursivo, nesse entrecruzamento de vozes que vêm das mais diferentes fontes e se destinam aos mais vastos objetivos que o jornalismo cria-se e se desenvolve* (BORGES, 2012, p. 803).

A formação discursiva da crônica é complexa, polissêmica e polifônica, com atores e vozes interpondo sentidos que se complementam, substituem-se, embaralham-se e criam novas hibridizações. A superfície dos discursos, com seus pré-conceitos e estereótipos, é enganadora. Como pontua Orlandi (2007, p. 52): “Esta fronteira entre os dois espaços é tanto mais difícil de determinar na medida em que existe toda uma zona intermediária de processos discursivos [...] que oscilam em torno dela”.

A crônica, indubitavelmente, prova essa máxima. Pesquisas como a que foi levada a cabo e cujos resultados es-

tão descritos a seguir atestam que não se pode pensar nos discursos e suas articulações possíveis como algo dado e fechado. É impositivo que se lance um olhar menos apressado e mais escrutinador sobre tais objetos. As temáticas e os modos discursivos pelos quais as crônicas foram publicadas no decorrer do ano de 2013 no jornal *O Popular* reafirmam a necessidade de estudos nesse sentido para que se tenha uma contribuição efetiva para a compreensão de gêneros – jornalísticos, literários ou híbridos. Analisar o conteúdo e o discurso dessas produções é, assim, essencial no entendimento de como tais narrativas são construídas e ocupam espaços que compõem o cenário jornalístico mais amplo.

## Autores e resultados

Para compreender de maneira mais ampla a produção cronística do jornal *O Popular* no ano de 2013, lançou-se mão de dispositivos da Análise do Discurso que pudessem esclarecer a visão sobre os textos. Um desses dispositivos foi o da paratopia – o lugar de onde se fala, juntamente com o de autoria – quem fala desse lugar específico. Esse tema, em particular, foi objeto de artigos produzidos no corpo da pesquisa e apresentados no XVII e XVIII congressos de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste – Intercom Centro-Oeste (BORGES; SARHAN; SANTOS, 2015; ALVES; SARHAN, 2016). Percebeu-se uma associação sólida entre as vivências e trajetórias pessoais de cada autor nas abordagens apresentadas nas crônicas.

O rol de cronistas fixos de *O Popular* que publicaram na coluna Crônicas & Outras Histórias em 2013 possui 11 nomes: Bariani Ortêncio, Brasigóis Felício, Edival Lourenço, Flávio Paranhos, Gabriel Nascente, José Mendonça Teles, Luís Araújo Pereira, Luiz Spada, Maria Félix Bufáçal, Maria José Silveira e Ursulino Leão. Todos têm ligações, mais ou menos fortes, com o campo literário, sendo poetas, contistas ou romanistas. Entre os quais há historiadores (3), jornalistas e/ou ex-jornalistas (6) e uma personalidade ligada à vertente do





folclore. Apenas um dos cronistas des-  
toa em sua atuação principal, sendo mé-  
dico, mas com expressivos laços com  
os campos da criação literária e com a  
filosofia.

Esse breve histórico dos cronistas  
explica, em parte, o olhar mais reflexi-  
vo que têm em relação a diversos as-  
suntos, mesmo aqueles mais espinho-  
sos, e que compõem generosa parcela  
do noticiário, como a violência e a polí-  
tica. Há a tendência em construir racio-  
cínios com uso de figuras de linguagem,  
por meio de alegorias e ironias, em que  
a articulação de ideias não se dá de for-  
ma direta. Ao mesmo tempo, a mensa-  
gem é compreensível, alcança o públi-  
co sem maiores ruídos, estabelecendo,  
assim, uma comunhão entre discursos  
que, tradicionalmente, encontra-se em  
espaços distintos. Isso, porém, não uni-  
formiza as crônicas, havendo diferen-  
ciações importantes de acordo com o  
autor, sua história particular, a visão de  
mundo que abraça a partir do local de  
onde atua e fala. Essa paratopia ajuda a  
guiar a leitura dos textos, mas não es-  
gota sua interpretação. Há muitos ou-  
tros fatores envolvidos.

Michel Foucault pondera que todo  
discurso traz em si um conjunto de re-  
gularidades – não de leis imutáveis –  
que auxiliam em sua apreensão, reve-  
lando formações discursivas.

*No caso em que se puder descrever,  
entre um certo número de enunciados,  
semelhante sistema de dispersão, e no  
caso em que entre os objetos, os tipos  
de enunciação, os conceitos, as esco-  
lhas temáticas, se puder definir uma  
regularidade (uma ordem, correlações,  
posições e funcionamentos, transfor-  
mações), diremos, por convenção, que  
se trata de uma formação discursiva [...]*  
(FOUCAULT, 2007, p. 43).

Essas formações proporcionam o en-  
tendimento dos mecanismos que com-  
puseram aquele discurso, com seus hi-  
bridismos, sua arqueologia, sua cena  
enunciativa. Um fator constituinte de in-  
discutível relevância nesse conjunto de  
processos é a autoria. Responder à per-  
gunta ‘quem escreve?’, no caso da AD,

não é tão simples, contudo. Para que se  
chegue a um resultado mais aprofunda-  
do para tal questionamento, esse ‘quem  
escreve’ deve ser vislumbrado em con-  
sonância com o ‘de onde esse autor fala’.  
Dessa forma, tem-se o sujeito da narra-  
tiva, que pode aparecer explicitamente  
na enunciação ou não, mas que direcio-  
na sua ideologia, seu contexto e seus ar-  
gumentos. “O autor é o lugar em que se  
constrói a unidade do sujeito” (ORLAN-  
DI, 2007, p. 73).

Tais interstícios podem ser compro-  
vados nas crônicas estudadas. O sujei-  
to de cada narrativa é único, ainda que  
mantenha semelhanças com outros que  
ocupam espaço similar. Nessa pers-  
pectiva, algumas regularidades pude-  
ram ser identificadas, como a investi-  
dura de certa autoridade por parte de  
alguns autores ao tratar de temas que  
lhes competiam mais de perto – Baria-  
ni Ortêncio, notório estudioso da cultu-  
ra popular, apresenta essa caracterís-  
tica quando toma a área como assunto  
de suas crônicas – e um regionalismo  
pronunciado. Regionalismo, menciona-  
do aqui, no sentido de explorar pontos  
que encontram reconhecimento ape-  
nas em nossa cultura, referenciando  
questões que dialogam com uma rea-  
lidade específica.

No que se refere ao estudado na pes-  
quisa, os tópicos mais vinculados ao no-  
ticiário ganharam, numerosas vezes, um  
tratamento que se mostra coerente com  
as formações discursivas que cada cro-  
nista construiu para si. Quando fala de  
questões atuais, Bariani Ortêncio, sa-  
bedor de que é considerado uma refe-  
rência em Goiás em diversas áreas, faz  
uso de um tom mais autoritário e quase  
sempre recorre às suas próprias expe-  
riências para ilustrar o que tem a dizer.  
É um modelo personalista de interpreta-  
ção dos fatos, em que a paratopia simbó-  
lica que o cerca dita sua visão de mun-  
do e sua ideologia.

A memória também é fator prepon-  
derante nas crônicas de José Mendon-  
ça Teles, escritor, professor e historia-  
dor, outro que tem enorme prestígio no  
meio cultural goiano. É a partir de sua  
bagagem pessoal e dos eventos que  
presenciou no passado que ele mol-

da a compreensão que defende dos fa-  
tos atuais, do presente em que vive. O  
mesmo elemento pode ser percebido  
nas crônicas de Maria Lúcia Félix Bu-  
fáical, mas em outro registro, uma vez  
que a escritora aposta mais firmemen-  
te em um olhar meditativo e digres-  
sivo, ainda que esteja lidando com o  
mais factual dos temas.

Edival Lourenço e Gabriel Nascent-  
te podem ser colocados em um grupo  
à parte, uma vez que ambos se de-  
bruçam com mais afinco sobre temas  
cotidianos, fazendo com que a maior  
parte de seus textos se aproxime da  
crônica jornalística mais clássica, por  
assim dizer, aquela que toma peque-  
nas ou grandes ocorrências para tecer  
comentários menos óbvios. Nem sem-  
pre os dois conseguem manter esse  
padrão, havendo produções que des-  
toam dessa linha. O mesmo pode ser  
dito de Brasigóis Felício. A diferença é  
que neste a ideologia política se reve-  
la com mais força, interferindo no dis-  
curso de maneira contundente. Nesse  
cronista a ironia se une a uma lingua-  
gem rebuscada para alinhar críticas  
ferozes contra determinadas forças po-  
líticas, emprestando, às suas produ-  
ções, um perfil claramente de comen-  
tário. Isso também suscita polêmicas,  
que nascem de visões de mundo que  
são defendidas e criticadas, fazendo  
com que a crônica fique mais próxima  
de textos opinativos mais clássicos,  
como artigos e editoriais.

A ideologia política também é evi-  
dente nos textos de Ursulino Leão. Ho-  
mem que se pode definir como sendo  
de direita no espectro social e que man-  
tém a coerência com sua história pes-  
soal. Ursulino é o único cronista que  
teve carreira política, exercendo dois  
mandatos de deputado estadual e che-  
gando ao cargo de vice-governador de  
Goiás durante o regime militar, atuação  
sempre feita por legendas da situação.  
Com carreira sólida no campo jurídi-  
co – foi Procurador-Geral do Estado –,  
Ursulino não esconde suas prefe-  
rências ideológicas quando se propõe  
a comentar sobre a conjuntura políti-  
co-social brasileira. Isso não quer di-  
zer que não haja momentos em que sua



veia de escritor aflore com mais força, emprestando uma narratividade mais literária aos seus textos.

Menos ligados a esse espectro de debate político, mas atentos ao noticiário e aos fatos de destaque que ocorrem à sua volta, Luiz Spada e Maria José Silveira, ambos jornalistas de formação, revelam a visão de suas profissões nas crônicas que elaboram. Spada tem, no humor do trivial, das pequenas situações rotineiras de um grande centro urbano, a matéria-prima principal de seus textos. É uma leitura sobre a realidade que vive, com a qual lida cotidianamente e que interpreta a seu modo. Já Maria José Silveira se embrenha nos temas sociais, podendo, vez ou outra, trazer a política à baila, mas não como uma comentarista especializada na área e sim de formas mais tangenciais, buscando outros aspectos para a discussão.

O poeta e professor de literatura Luís Araújo Pereira e o médico e filósofo Flávio Paranhos são os que menos se ativeram a fatos do noticiário em suas crônicas. Ainda que o segundo autor seja um pouco mais assíduo na abordagem de questões que estejam na pauta da sociedade que o primeiro – Luís Araújo costuma usar o espaço de suas crônicas para construir minicontos que podem ou não fazer referência a uma realidade vivida –, ambos se descolam do dia a dia, preferindo escrever textos que proponham outros questionamentos ou que levem o leitor a momentos de gozo puramente literário e estético, à fruição literária. Essa é uma das características que mais diferenciam a crônica de outros textos que vêm à tona nos jornais, uma vez que essa dimensão é uma de suas partes constitutivas e perfazem seu principal diferencial.

Essas considerações são fundamentais para que se possa percorrer os caminhos que as crônicas de *O Popular* traçam em sua interface com a realidade jornalística que as cerca. Fica bastante claro que a autoria e a paratopia dos cronistas definem, sobremaneira, as temáticas que escolhem para seus textos, havendo uma indubitável tendência de alguns abordarem temas relacionados com fatos reais notórios e amplamente cobertos pelos noticiários jornalísticos e

de outros rejeitarem tal influência. Decisões que passam, como mostra a Tabela 1, pelas vivências de cada um e pela identificação maior ou menor dos autores com áreas em que o ‘discurso da verdade’ se impõe, como são, entre outras, o jornalismo e a História.

### Análise

A partir do exposto na Tabela 1 se percebe a pertinência, mantida na atualidade, de se considerar a crônica como um privilegiado discurso jornalístico, ainda que enverede por caminhos menos ortodoxos para expressar sua opinião.

Somando textos mais explícitos, em que a posição do autor se revela de maneira indubitável, a modalidades enunciativas que transitam por registros mais pessoais e literários, tem-se praticamente, no caso da produção cronística publicada no jornal *O Popular* durante o ano de 2013, metade do conjunto estudado (185 crônicas de um total de 365, ou 50,68%) apresentando lastros inequívocos com o jornalismo. Ainda que sejam compostas por uma série de outros discursos e se mostrem repletas de sentidos, quase 50% das crônicas estudadas chegam ao jornalismo de algum modo.

É inquestionável a utilização da crônica como espaço de opinião. Alguns autores corroboram a classificação de Melo (2003) de que a crônica está inserida no gênero jornalístico opinativo

ao apresentar comentários sobre fatos socialmente relevantes e seus contextos mais amplos; ao fazer o registro de eventos históricos, mesmo que sob prismas menos usuais; ao analisar, usando de seus muitos recursos disponíveis, questões que envolvam temas como política, economia, comportamento, acompanhando, assim, as evoluções e desenvolvimentos das mentalidades, a quebra de tabus, o reposicionamento da coletividade diante de determinadas discussões.

Ao mesmo tempo, também cabe, à crônica, um olhar mais lúdico sobre esta mesma realidade, ainda que tal ponto de vista seja estritamente pessoal por parte de quem a escreve. O autor, assim, goza da liberdade de incluir no trato dos fatos sua maneira singular de abordá-los, podendo, para isso, lançar mão de elementos dos mais variados, indo de uma lembrança da infância à experiência que vive naquele momento no seio familiar; do alumbramento diante de uma obra de arte a uma assumida postura temperamental diante do mundo; de suas leituras particulares ao relacionamento com os amigos próximos.

*O que importa é perceber que a crônica não se insere em uma classificação discursiva única, não se situa dentro de uma moldura imóvel. Ela está em trânsito em termos linguísticos, passeia pelas fronteiras entre jornalismo e literatura formando seus recantos e trincheiras,*

**Tabela 1** – Levantamento geral das crônicas de 2013

Cronista	Crônicas publicadas (2013)	Crônicas com viés jornalístico (2013)	Porcentagem (2013) Crônicas jornalísticas / Crônicas publicadas
Bariani Ortencio	43	13	30,23%
Brasigóis Felício	46	38	82,60%
Edival Lourenço	47	39	82,97%
Flávio Paranhos	25	5	20,00%
Gabriel Nascente	45	9	20,00%
José Mendonça Teles	22	2	9,09%
Luís Araújo Pereira	15	4	26,66%
Luiz Spada	23	15	65,21%
Maria Lúcia Félix Bufáical	50	24	48,00%
Maria José Silveira	25	18	72,00%
Ursulino Leão	24	18	75,00%
Total	365	185	50,68%

Fonte: Elaboração própria.

*constituindo-se em um discurso descompromissado com estatutos rígidos. Ela é um interdiscurso, um movimento de caminhar e formar outra dimensão discursiva, original e diferente das que lhe deram origem* (BORGES, 2012, p. 809).

Nesse amplo espectro opinativo, a crônica também pode vir recheada de humor e sarcasmo, de uma crítica social e pessoal que amplie os horizontes de leitura dos fatos usando, para isso, a alegoria e a ironia. Um raciocínio que Umberto Eco constrói para o romance pode ajudar, aqui, a compreender a crônica em suas potencialidades discursivas.

*Máquina linguística que se celebra no negar-se, o romance nos diz algo sobre outros modos de significar, e sugere que este, coisa verbal, está a serviço desses modos, pois é conto não de palavras, mas de ações, e mesmo quando conta palavras, as conta na medida em que assumiram função de ação* (ECO, 2006, p. 60).

A crônica, quando cria ou quando opina, alegórica ou ironicamente, permanece fazendo sentido ao ser lida em um veículo jornalístico, consolidando, em meio ao noticiário tradicional, sua especificidade opinativa. Esse fenômeno pode ser constatado nas crônicas do jornal *O Popular* de 2013 analisadas neste trabalho. O espaço é aqui exíguo para reproduzir todos os textos em que tal elemento pode ser verificado, mas é possível citar breves exemplos que ilustram esses movimentos discursivos da crônica e que mostram o quão jornalísticas elas podem ser, ainda que por vias menos ortodoxas. Um dos cronistas mais assíduos do espaço e período analisados, o jornalista e escritor Brasigóis Felício, corrobora esse perfil. Das 46 crônicas que o autor publicou naquele ano no espaço do jornal diário goiano, 18 delas (ou 39,13% do total) tratam de temas relacionados especificamente a questões sociais e políticas, em um claro acompanhamento do noticiário.

Mesmo nos textos de cunho mais reflexivo de Brasigóis Felício (20 crônicas, ou 43,47% do total publicado) figuram

elementos de explícita crítica a situações mais amplas, transparecendo sua forma pessoal de ver o mundo, ainda que com viés mais poético. Ao se levar em consideração que as reflexões e os comentários diretos sobre fatos e situações que ocorrem ao seu redor são estratégias de opinião pertinentes à crônica, pode-se dizer que 82,6% dos textos escritos por este colaborador têm, em variados graus, ressonância com o jornalismo e sua interpretação do que aborda. Traz-se, como exemplo, este trecho da crônica *Protestos*, de 21 de junho de 2013.

*Não é preciso ser psicólogo, vidente ou cientista social para concluir que o Coringa está nas ruas, nos protestos sem causa, ou por 20 centavos, que postulam uma existência sem custo, onde tudo tenha tarifa zero, seja lá quem pague, se os empresários ou as surrupiadas burras de um governo que está mais perdido do que cego em tiroteio. Mais que personagem arquetípico de um filme, encarnação do animal humano tomado pela sombra da maldade, está entre nós* (FELÍCIO, 2013).

O autor, escritor e jornalista usa um personagem de HQ e que fez enorme sucesso no cinema para traçar uma comparação com o comportamento observado – e interpretado – por ele durante as manifestações populares que eclodiram naquele período no Brasil. Acompanha-se, assim, a atualidade dos eventos e seus desdobramentos, mas não com uma fórmula tradicional e sim com uma provocação. A opinião expressa na crônica encontra argumentos na cultura pop, em um vilão arquetípico, fugindo, assim, das bases convencionais com que aqueles fatos eram tratados no jornalismo como um todo. Brasigóis faz uma crítica ácida aos manifestantes, expondo a si mesmo às reações que seu texto poderia suscitar.

Em sentido semelhante, Maria Lúcia Félix Bufáigal apresenta suas considerações sobre o quadro político brasileiro a partir de uma reflexão pessoal e em linguagem que se desvia do estilo empolado que costuma caracterizar os comentários políticos. A historiadora, escritora e professora é a que mais

publicou crônicas em *O Popular* no ano de 2013, somando 50 textos. Desses, 24 publicações (48% do total) se referem a assuntos constantes do noticiário, como sociedade, política e cotidiano. Ainda que 18 crônicas (39% do total) sejam dedicadas a divagações pessoais, o maior conjunto de sua produção tem estreita interlocução com a atualidade, reforçando o caráter de jornalismo opinativo de seus textos. Isso fica patente no texto *Cura gay*, publicado em 25 de junho de 2013, em que ela comenta e se posiciona contra o projeto de lei de um deputado federal goiano que propôs tratamento psicológico aos homossexuais com o intuito de que eles mudem suas orientações sexuais.

*A palavra “cura”, nesse contexto, é que não dá pra aguentar. Cura o quê, cara-pálida? Já tem tanto sofrimento envolvido nesses dolorosos processos de afirmação, ainda vem algum equivocado chamar de doença uma variação, jogar crime onde não há crime, determinar as relações humanas e suas mil nuances? Adoecer pessoas saudáveis e positivas, quando nem para os verdadeiros doentes tá sobrando tratamento e hospital?* (BUFÁIGAL, 2013, p. 6).

A crítica a certas engrenagens que movem a sociedade brasileira também pode ser encontrada em muitas crônicas do escritor, historiador e jornalista Edival Lourenço, demonstrando que o autor usa do espaço da crônica para opinar a respeito do mundo, em um processo de convencimento do leitor quanto aos seus argumentos. Dos 47 textos que publicou no decorrer do ano de 2013, Edival dedica 39 (82,97% do total) a reflexões sobre temas variados e críticas diretas a determinados fatos. Essa mescla de estilos – ora sendo mais oblíquo em suas posições, ora primando por objetivá-las – é característica do gênero aqui abordado, já que ele permite essa flexibilidade a seus autores. A crônica tem muitos caminhos para chegar ao destinatário e deve ser lida polissemicamente. Todo jornalismo opinativo tem elementos de persuasão e com a crônica não é dife-





rente. A ironia usada por Edival para isso é evidenciada, entre outros textos, neste de 27 de fevereiro de 2013, intitulado Agora vai.

*A prática tem mostrado que o Brasil só pega no tranco depois do carnaval. Antes, é aquela pasmaceira danada. A le-seira do Natal emenda com a do ano-novo que passa pelas repugnas do ano letivo, pagamento de IPTU, IPVA, seguro do automóvel, falta de orçamentos esta-tais travando a circulação de recursos e tal. [...] Todo esse estado de coisas de-prês nos liga ao carnaval. Nessa hora, a gente pula e sacoleja feito possuídos nos rituais de vodú, e se livra finalmen-te de toda inhaca acumulada na passa-gem do fim para o começo do ano. Pron-to. [...] Isso é o nosso temperamento, o suprassumo, o resumo de todas as von-tades reunidas e alambicadas. É o Brasil (LOURENÇO, 2013, p. 6).*

Ursulino Leão que, como já foi dito, mantém-se em um espectro ideológico mais identificado com a direita, expre-sa essa posição em várias crônicas em que toma como tema a política e seus problemas. Das 24 crônicas que escre-veu em 2013, seis delas (25% do total) trazem considerações de tal natureza. É verdade que na maioria das ocasiões o autor se desvencilha de tais tópicos, preferindo mergulhar nas próprias lem-branças e nas amplas experiências que um homem de 90 anos viveu, mas suas crônicas também são engajadas politi-camente. Mesmo as 12 crônicas dedica-das a reflexões esparsas (50% do total) permanecem com lastros sólidos nos acontecimentos de seu entorno. Com isso, 75% de sua produção cronística em 2013 têm essa característica. Essa postura é um claro reconhecimento por parte de Ursulino de que o lugar de cro-nista que ocupa também é o de forma-dor de opinião, de agente ativo no de-bate público. No texto de 28 de junho, chamado Má condução do Brasil, o es-criptor transforma a crônica em um ar-tigo de opinião, revelando sua revolta e indignação e qual visão tem do País e de suas instituições.

*A economia nacional não cresce. A per-formance do PIB alcança indicadores in-compátíveis com a potencialidade do Bra-sil para o desenvolvimento sustentável. Todavia, o número de ministros aumen-ta, vale dizer, a frota do lulapetismo cui-da de abastecer o píer da reeleição com novos cabos de amarração. [...] Não há investimentos infraestruturais, razão pela qual são negativos os resultados que a balança comercial auriverde representa. [...] Afinal de contas, o Brasil não é so-mente futebol. Não almeja apenas me-dalhas em Copas e Olimpíadas. Deseja sobretudo que desapareçam esses equí-vocos de várias naturezas; que o Executi-vo se mostre competente e ágil; o Judi-ciário, vigilante e bravo, e o Legislativo, um associado do bem comum, exclusi-vamente (LEÃO, 2013, p. 6).*

O jornalista Luiz Spada é ainda mais específico em suas temáticas, aproxi-mando-se mais, em muitos sentidos, à tradição da crônica urbana, em que ce-nas cotidianas e triviais são narradas como espécies de representações do dia a dia da urbe. Por ser um jornal re-gional, *O Popular* tem sua maior identifi-cação com o público local, sobretudo da capital goiana e sua região metropolita-na. Com isso em mente, o autor fornece em suas crônicas mais um espaço para compreender esse cenário, citando lo-cais e situações típicas de Goiânia, crian-do ‘personagens’ reais em suas curtas narrativas, excertos da grande cidade e seus habitantes. Das 23 crônicas publi-cadas pelo autor em 2013, 15 (65,21% do total) mantêm essa característica bá-sica. Em 6 de outubro, no texto chama-do Seu nome é Enóia, Spada faz o per-fil de uma taxista que roda pelas ruas de Goiânia, dissertando, em forma de crônica, sobre uma história que pode-ria perfeitamente ser contada em uma matéria jornalística tradicional.

*Afinal, mulher dirigindo táxi é coisa rara de se ver em Goiânia – e esse foi um dos primeiros questionamentos: tem muita mulher exercendo o mesmo ofício? Enóia acha que são umas dez (além dela, só conheci mais uma) (SPADA, 2013, p. 6).*

A jornalista e escritora Maria José Silveira é outra cronista que aposta na comunhão entre realidade e ficção para elaborar suas narrativas. Em vários de seus textos as vivências que teve tam-bém ajudam a compor esse opinar so-bre a vida e o mundo. De um total de 25 crônicas de sua autoria que puderam ser lidas em *O Popular* durante o ano de 2013, as com temáticas sociais e políti-cas somam dez (40% do total), seguidas por outras oito (pouco mais de 32% do total) que se amparam em reflexões que estabelecem vínculos com a realidade vivida, chegando-se a 72% dos textos. Isso pode ser constatado, entre outros momentos, na crônica de 19 de setem-bro, chamada Uma praga da primavera, em que fala a respeito da chegada dos sabiás à cidade de São Paulo, com sua cantoria em altíssimo volume.

*É o fim da picada!, dirão os desavisados. Só mesmo paulista pra reclamar do can-to do sabiá.*

*Mas eu queria vê-los acordando às três horas da madrugada, com o canto agu-do que chega a durar três horas seguidas, até cinco horas da manhã. Um canto de 75 decibéis, a cinco metros de distância. Só perde pra buzina de carro (90 decibéis) e ruído de trânsito (80 decibéis) (SILVEI-RA, 2013, p. 6).*

Política, protestos, fosso entre ricos e pobres, cenas da cidade. Nas crônicas de *O Popular* durante o ano de 2013 os 11 autores que ocuparam o espaço destina-do a esse gênero discursivo híbrido uti-lizaram da liberdade de que dispunham para publicar textos dos mais diferentes matizes. Muitas dessas produções con-templaram temas atuais e que estavam em pauta no noticiário de então. Alguns cronistas se debruçaram mais sobre essa seara que outros, o que pode ser explicado por suas formações pessoais – jornalistas, historiadores, professores, profissionais do Direito. Aqueles que se desviaram um pouco de tais tópicos não deixaram, entretanto, de contemplá-los, ainda que tangencial e alegoricamente, em peças de registro ficcional mais pa-tente. Em um discurso híbrido, esse tipo de procedimento é comum e até, em cer-





to sentido, aguardado. Na crônica tal liberdade é mais pronunciada e exercitada.

Em outras crônicas, em especial as escritas por um grupo de autores que busca nas próprias memórias a matéria-prima principal de seus escritos, há a predominância de assuntos ligados ao passado, a fatos históricos ocorridos algumas décadas atrás e a interpretações e análises realizadas a *posteriori* de eventos e do papel desempenhado por personalidades de relevo, sobretudo no âmbito regional. Isso pode ser verificado em boa parte dos textos dos cronistas Bariani Ortêncio, Gabriel Nascente e José Mendonça Teles. Neles se percebe grande ênfase em abordagens regionalistas, que se debruçam, por exemplo, sobre festas populares, personalidades relevantes de Goiás e de Goiânia, memórias que reconstituem episódios históricos. Isso os coloca à parte de uma função jornalística específica, afastando-se de posturas, mesmo opinativas, do campo da informação. Eles apresentam-se, na maior parte de suas crônicas, como fontes balizadas para consultas e não como formadores de opinião no campo estritamente jornalístico, o que não os impede de eventualmente transitar por ele.

Os três cronistas não fogem dos temas jornalísticos em suas publicações, só que estes são tratados com conotações e em entonações muito específicas. Do total de crônicas que publicaram em 2013, Bariani Ortêncio dedicou 30,23% a questões da atualidade. José Mendonça Teles, por sua vez, imprimiu essa característica a 9,09% de suas crônicas. Já Gabriel Nascente ancorou 20% de sua produção de crônicas naquele ano em fatos e situações da pauta jornalística. Chama a atenção que os três estão entre os cinco cronistas que mais se afastaram do jornalismo em seus textos, fazendo um contraponto ao outro grupo de autores titulares da coluna Crônicas & Outras Histórias, em que parâmetros jornalísticos constam, geralmente, acima dos 50% de suas produções no gênero.

Os outros dois integrantes do grupo mais alheio em aliar a crônica com o jornalismo são Luís Araújo Pereira e Flá-

vio Paranhos, que optam por discursos distintos bem marcados, às vezes contemplando, com maior força, aspectos jornalísticos; outras vezes priorizando seus respectivos campos de atuação. Luís Araújo, poeta e professor de literatura, gosta de enveredar pela ficção, usando desses recursos em algumas oportunidades para comentar situações da realidade e, por consequência, de acontecimentos e situações jornalisticamente pertinentes. É importante ressaltar, contudo, que apenas 26,66% de suas crônicas trazem um debate de temas mais jornalisticamente validados para seus leitores ao longo do ano de 2013. Isso pode ser visto, por exemplo, na crônica de 22 de fevereiro, intitulada Mocinha, em que produz uma alegoria para tocar no delicado tema da pedofilia, assunto altamente noticiável, lançando mão de uma similitude entre o conto de fadas da Chapeuzinho Vermelho e o Lobo Mau com o perigo que crianças correm nas cidades quanto a predadores sexuais.

*Como é comum nos centros urbanos, uma mocinha para a qual haveria, todos os dias, um lobo em muitas esquinas. A não ser que ela fosse uma garota bastante esperta para fugir do cio contagioso que percorre as ruas...* (PEREIRA, 2013, p. 6).

Flávio Paranhos, por sua vez, é médico oftalmologista e esta paratopia é mostrada com toda clareza em seus textos. O mesmo ocorre com as crônicas em que busca recursos na filosofia, área em que tem mestrado. O jornalismo surge em meio a esses roteiros discursivos específicos quando o autor comenta, à luz de tais saberes, fatos do cotidiano ou eventos que chamam sua atenção. Esse movimento ocorre, porém, em apenas 20% das crônicas que publicou em 2013. É o caso do texto sobre o atentado à bomba em Boston, nos Estados Unidos, cidade onde Paranhos doutorou-se em Medicina. Suas lembranças pessoais são acionadas na maneira pela qual ele aborda o tema. O texto, chamado Estupidez em Boston, foi publicado no dia 20 de abril.

*Se existe uma cidade nos Estados Unidos em que um ataque terrorista teria chance de atingir cidadãos do mundo, e não só americanos, esta é Boston. [...] Várias pessoas saíram gravemente feridas do ataque terrorista. Três morreram, duas americanas e uma chinesa. Uma era criança. Aposto que entre os feridos há de várias nacionalidades. Todos com algo em comum – inocência* (PARANHOS, 2013, p. 6).

Mesmo com esses exemplos, os cronistas – justamente os dois que menos publicaram em 2013 no espaço Crônicas & Outras Histórias do jornal *O Popular* – têm uma atuação que se pode caracterizar como esporádica na interface do gênero com o jornalismo. O perfil pessoal e profissional de ambos, absolutamente alheio ao fazer jornalístico tradicional, ajuda a explicar a não inserção de seus discursos nessa seara, algo que acontece com os demais cronistas com maior frequência, seja por já terem atuado ou por continuarem a atuar na área, seja por terem mantido contatos mais intensos com a imprensa.

## Considerações finais

Como se pôde constatar de forma satisfatória, com diversos exemplos, está-se diante, na coluna Crônicas & Outras Histórias, de textos que, literariamente, usando de todas as prerrogativas fornecidas a textos de evidente fruição, evoluem em direção a análises jornalísticas atuais, a comentários baseados no noticiário, nos temas que movimentavam o debate social no período estudado. Comprovou-se, mediante este esforço, que a crônica pode se afastar da realidade factual como também nela mergulhar, utilizando, para tanto, de um rico ferramental que lhe enriquece, desafia-lhe e movimenta esse espaço opinativo. O que se depreende deste estudo acerca da produção cronística no jornal *O Popular*, de Goiânia, durante o ano de 2013, é que a crônica, mesmo que não goze do mesmo prestígio de uma coluna política ou de um artigo publicado na página de opinião, conserva, à sua maneira hibridizada, a capacidade de opinar sobre o mundo à sua volta. Os



cronistas que ocuparam o espaço Crônicas & Outras Histórias do supracitado informativo, com estilos próprios e elegendo cada qual suas prioridades temáticas, não abdicaram de enfatizar esse papel simbólico da crônica. Em termos médios, quase 50% dos textos publicados no período analisado se debruçaram sobre acontecimentos da atualidade ou lançaram olhares, mesmo que às vezes mais poéticos e menos objetivos, sobre a realidade, tomando, para esse discurso cheio de possibilidades, a matéria-prima do jornalismo.

O que fica patente, entretanto, é que as crônicas, ao contrário de uma produção jornalística em grande escala e tantas vezes uniformizada em termos de angulações e mesmo de linguagens empregadas, fogem da padronização. A autoria, nesse discurso, é preponderante e isso fica muito claro tanto nos números aferidos por meio do método da Análise de Conteúdo, quanto de sua interpretação, caminho trilhado por meio da Análise de Discurso. Os cronistas que têm ou já tiveram uma relação mais estreita com o jornalismo não abrem mão, em suas produções, de reafirmar o espaço da crônica como um meio para exercer a opinião. Por vias paralelas e até marginais, a crônica conquista esse espaço de maneira orgânica, promovendo uma hibridização que pode se mostrar criativa e inquietante, mas não insípida.

Dos cronistas estudados, quatro – Brasigóis Felício, Edival Lourenço, Maria José Silveira e Luiz Spada –, todos com laços de maior ou menor grau com o universo da imprensa, deram, a mais de 65% de seus textos, uma percepção mais próxima do jornalismo, utilizando para isso uma variada gama de artifícios. Outros quatro cronistas – Bariani Ortêncio, José Mendonça Teles, Luís Araújo Pereira e Flávio Paranhos – por não terem essa mesma identificação com o ambiente da produção da notícia (ainda que José Mendonça Teles seja um historiador da imprensa goiana), preferiram se afastar, cada qual a seu modo, dessa linha, dedicando 25% de seus textos ou menos a temas candentes na sociedade. Há exceções de

ambos os lados. Ursulino Leão nunca pertenceu ao campo do jornalismo, mas suas vivências políticas o estimularam a escrever 75% de seus textos sobre atualidades, exercendo seu direito de opinar. Por outro lado, Gabriel Nascente, que sempre conciliou a atuação no jornalismo com a vida de escritor, abandonou o primeiro em suas crônicas – apenas 20% delas falam de questões factuais – para dedicá-las a um registro pessoal. Por fim, Maria Lúcia Félix Bufáçal, a mais profícua das autoras do espaço analisado, salomonicamente divide suas atenções entre o que está ocorrendo no mundo externo e as reflexões mais íntimas que compartilha com seus leitores. Aliás, esse pacto narrativo com o leitor passa por uma atualização, por uma construção que não cabe para as outras partes do jornal e sim, especificamente, para a coluna Crônicas & Outras Histórias.

A pesquisa constatou a natureza interdiscursiva da crônica, que transita com versatilidade e leveza entre diversos campos e áreas, dando total liberdade aos autores de abordar ou negligenciar o que bem entenderem – e da maneira que desejarem – em seus textos. Alguns fatos relevantes de 2013 são abordados por mais de um cronista, reverberando e comentando os conteúdos divulgados no noticiário. São os casos, por exemplo, das manifestações de rua de dimensão nacional, tema de textos de Ursulino Leão, Edival Lourenço, Maria Lúcia Félix Bufáçal, Gabriel Nascente, Brasigóis Felício e Luiz Spada. Já a visita do Papa Francisco ao Brasil foi comentada por mais de um cronista.

Esse misto de literatura e jornalismo, ainda que seja visto por alguns como algo sem identidade, revela, em cada estudo, o contrário, um perfil muito consolidado. É jornalismo de opinião em seu mais alto grau de contundência, é convite para reflexões alternativas sobre debates e discussões em voga, assim como também é oportunidade para o fluir estético. Sua mais essencial característica é a liberdade e isso dá, à crônica, além da condição de criar obras literárias surpreendentes, também o espaço necessário para exercitar um aprofun-

do jornalismo opinativo. Vale lembrar ainda que a crônica, em geral, é publicada em um veículo jornalístico, perfazendo parte do conteúdo oferecido a quem busca, em tais espaços, a informação e a análise. Essa cena enunciativa não pode ser ignorada, mas só será entendida para além de sua superficialidade quando estudos da natureza da presente pesquisa são empreendidos.

---

## 1. Rogerio Pereira Borges

Professor de Tempo Integral (TI) da Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Doutor em Comunicação pela Universidade de Brasília (UnB) (2011). Mestre em Estudos Literários e Linguística pela Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás (2004).

---

### Nota

\* Este artigo é fruto de um trabalho de pesquisa, realizado no Núcleo de Pesquisa em Comunicação da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, contando com as bolsistas de Iniciação Científica do CNPq Flavina Alves e Samiha Salahdino Sarhan, em convênio celebrado por intermédio da Pró-Reitoria de Pesquisa da PUC Goiás (Prope). Uma versão preliminar deste texto foi apresentada no XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Intercom), realizado em São Paulo em setembro de 2016, sob o título A dimensão jornalística nas crônicas publicadas em 2013 no jornal O Popular, de Goiânia.

### Referências

ALSINA, Miquel Rodrigo. *A construção da notícia*. Petrópolis: Vozes, 2009.  
ALVES, Flaviana; SARHAN, Samiha Salahdino. Narrativas e ideologias dos autores que compõem a coluna Crônicas & Outras Histórias do jornal O Popular (Goiânia): regularidades e discrepâncias. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO DO CENTRO-OESTE, 18., 2016, Goiânia. *Anais eletrônicos [...]*. Goiânia: Intercom, 2016. Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/>



- centrooeste2016/resumos/R51-0772-1.pdf>. Acesso em: 24 jan. 2018.
- BORGES, Rogério. A crônica como interdiscurso: formações de um gênero híbrido. In: MOUILLAUD, Maurice; PORTO, Sérgio Dayrell. *O jornal: da forma ao sentido*. Brasília: UnB, 2012. p. 795-816.
- BORGES, Rogério Pereira; SARHAN, Samiha Salahdino; SANTOS, Flaviana Alves. Autoria e paratopia na compreensão do discurso da crônica no jornal O Popular (Goiânia). In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO DO CENTRO-OESTE, 17., 2015, Campo Grande-MS. *Anais eletrônicos [...]*. Campo Grande-MS: Intercom, 2015. Disponível em: <<http://www.portalintercom.org.br/anais/centrooeste2015/resumos/R46-0472-1.pdf>>. Acesso em: 24 jan. 2018.
- BUFÁIÇAL, Maria Lúcia Félix. Cura gay. *O Popular*, Goiânia, ano 75, n. 176, p. 6, 25 jun. 2013.
- CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1997.
- COUTINHO, Afrânio. *A literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986. 6 v.
- ECO, Umberto. *Entre a mentira e a ironia*. Rio de Janeiro: Record, 2006.
- FELÍCIO, Brasigóis. Protestos. *O Popular*, Goiânia, ano 75, n. 172, p. 6, 21 jun. 2013.
- FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.
- LAGO, Cláudia; BENETTI, Marcia (Org.). *Metodologia de pesquisa em jornalismo*. Petrópolis: Vozes, 2008.
- LEÃO, Ursulino. Má condução do Brasil. *O Popular*, Goiânia, ano 75, n. 179, p. 6, 28 jun. 2013.
- LOURENÇO, Edival. Agora vai. *O Popular*, Goiânia, ano 75, n. 58, p. 6, 27 fev. 2013.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Cenas da enunciação*. São Paulo: Parábola, 2008.
- MELO, José Marque de. *Jornalismo opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro*. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.
- MOISÉS, Massaud. *A análise literária*. São Paulo: Cultrix, 2007.
- MORAES, Ângela Teixeira de. *Jornalismo e educação: (des)encontros discursivos*. Goiânia: PUC Goiás, 2013.
- ORLANDI, Eni. *Análise do discurso: princípios e procedimentos*. Campinas, SP: Pontes, 2007.
- PARANHOS, Flávio. Estupidez em Boston. *O Popular*, Goiânia, ano 75, n. 110, p. 6, 20 abr. 2013.
- PEREIRA, Luís Araújo. Mocinha *O Popular*, Goiânia, ano 75, n. 53, p. 6, 22 fev. 2013.
- SCHUDSON, Michael. *Descobrimos a notícia*. Petrópolis: Vozes, 2010.
- SILVEIRA, Maria José. Uma praga da primavera. *O Popular*, Goiânia, ano 75, n. 262, p. 6, 19 set. 2013.
- SODRÉ, Muniz; FERRARI, Maria Helena. *Técnica de reportagem: notas sobre a narrativa jornalística*. São Paulo: Summus, 1986.
- SPADA, Luiz. Seu nome é Enóia. *O Popular*, Goiânia, ano 75, n. 279, p. 6, 6 out. 2013.
- TUCHMAN, Gaye. A objetividade como ritual estratégico: uma análise das noções de objetividade dos jornalistas. In: TRAQUINA, Nelson. *Jornalismo: questões, teorias e "estórias"*. Lisboa: Vega, 1999. p. 74-90.
- VERÓN, Eliseo. *Fragmentos de um tecido*. São Leopoldo: Unisinos, 2004.